

Notas e informações**A raiz da crise**

O ministro Costa Couto retratou corretamente o clima em que vive o governo Sarney, ao dizer que os apupos dirigidos contra o chefe de governo por 50 rapazes (se tanto) em Belém do Pará não poderiam ficar sem resposta. O clima é aquele que vinhamos caracterizando há meses: o de sítio. O Brasil assiste, estupefacto, ao estranho comportamento do Executivo que age como se estivesse sitiado; o curioso é que os portões foram fechados e a ponte sobre o fosso levantada por ordem do castelão. Essa atitude de enclausurar-se na fortaleza, temendo inimigos e vendo ameaça à estabilidade do Estado em cada apupo, artigo assinado ou entrevista de ex-presidente condiz perfeitamente com a postura de quem, na votação da Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte, só é capaz de ver uma tomada de posição contra a pessoa do presidente da República. Em suma, o País vê, agora já com temor, os responsáveis pela chefia do Executivo possuídos por mania persecutória. Esse fato é grave, talvez o mais grave de que se tem notícia desde 1969.

O improviso presidencial de Belém do Pará transmite igualmente essa dolorosa impressão. Lendo a transcrição nos jornais, o leitor é levado em alguns momentos a perguntar-se se alguém contestou a autoridade do sr. José Sarney como presidente da República. Não os meninos de Belém, os da arruaça, mas alguém com poder para tanto. Ninguém o fez, a julgar pelo que conhecem a imprensa e o povo. Se assim é, por que o chefe de governo necessita proclamar: "Eu sou o presidente deste país"? Será porque teme que o povo, a quem tanto diz estimar, duvide que assim seja? Os jornais, esses sabem que o chefe de Estado e o chefe de governo, portanto o presidente, é o sr. José Sarney. Ninguém disso duvida — exceto s. exa., que necessita afirmá-lo a cada passo, e a cada instante se vê compelido a procurar como que um inimigo possível para terçar armas, já que não consegue lutar contra os adversários reais que lhe solaparam a autoridade, convivendo em sua intimidade. Não é de agora que o chefe de governo se queixa daqueles que o criticam. Nunca o

fizera, porém, nos termos do discurso de Belém: "Ele (eu, Sarney) quis ver o povo e desceu para os programas sociais, sabendo que o povo que sofre, este, não escreve os editoriais que escrevem contra ele, mas jamais esquecerá aquilo que ele fez, reconhecendo ao povo o direito que ele tem". A opinião adversa emitida pela imprensa magoa s. exa. a ponto de referir-se a ela num desabafo de todo extemporâneo ao povo humilde de Belém do Pará. No que a nós toca nesse particular, só temos a dizer que a intenção que nos move ao escrever editoriais que possam ferir a suscetibilidade do presidente não é magoá-lo, mas adverti-lo dos riscos que sua autoridade corre a cada instante, exatamente porque está longe desse povo a que tanto se refere, cercado de áulicos, incapaz sequer de avaliar, apesar de sua longa experiência, como se comportarão seus colegas de classe política.

Não é apenas a referência à imprensa — inteiramente sem sentido, para não dizer sem pé nem cabeça — que nos impressiona; mais do que ela, é a insistência em referir-se à civilização do litoral como se ela fosse a responsável pela miséria do interior. Só faltou ao literato Sarney lembrar frei Vicente do Salvador e os portugueses que andavam como caranguejos pela costa. O presidente, no afã de assinalar, em primeiro lugar, que é o presidente do social; em segundo lugar, o do interior e em terceiro, o da liberdade, baralhou a geografia, fez o pólo industrial mineiro deslocar-se para a costa e anunciou que quando o gás do Urucum chegar a Carajás ter-se-á criado "pela primeira vez no interior do Brasil um grande pólo de desenvolvimento industrial neste país". Agora a afronta à economia, à geografia e à história, tudo se passa como se tivesse havido, de parte da civilização da costa, "da costa do mar", o maldoso empenho de impedir que o interior crescesse. No seu improviso, o presidente, vendo-se perseguido pelos editoriais da imprensa e pela manobra da Comissão de Sistematização dirigida contra ele — sem ver que os inimigos reais são os *marimbondos* —, dá a impressão de que foi o cidadão José Sarney, investido na Presidência da República, quem fez Carajás e

agora descobriu Urucum e instalará o primeiro pólo industrial do interior. Quando o chefe de Estado tem essa visão da geografia, da história e do papel que nelas desempenham as pessoas, é preciso que os cidadãos se acatelem.

O presidente da República não é capaz de atinar com o fato de que foi seu malogro administrativo que o conduziu à situação política em que se encontra. Se s. exa. tivesse demonstrado autoridade ao assumir a Presidência, teria dado ao povo a correta idéia de que a Nova República seria regime austero e no qual a inflação seria contida e o desenvolvimento assegurado em bases sólidas. Incapaz de exercer as prerrogativas presidenciais em sua plenitude, e não sabendo reconhecer que as alternativas de política econômico-financeira que lhe oferecia o sr. Francisco Dornelles eram as de fato adequadas à realização de um governo em busca da consagração popular, a elas preferiu as opções oferecidas pelo sr. Dilson Funaro. Paga até hoje, o presidente da República, a má escolha feita em má hora; da mesma maneira como paga pela abulia com que acompanha a administração caracterizada também pela omissão do Estado, onde é mais necessário, que é no terreno em que a autoridade da lei se faz sentir. Não em casos como esse, que teve o pronto comentário — "isso não pode passar em branco" — do ministro Costa Couto, pois o melhor seria que a provocação de 50 secundaristas não abalasse a serenidade do Executivo, mas naquele da correta condução dos negócios públicos e no da imposição da autoridade presidencial a seus subordinados. Não pense o presidente da República que a Comissão de Sistematização votou quatro anos para seu mandato por não gostar de s. exa.; fê-lo atendendo ao clamor popular. E esse atendimento teria sido ainda mais completo se tivesse tido a coragem de convocar eleições gerais para todos os níveis, o mais rapidamente possível. O risco, a continuar o presidente a ver perigos nas "costas do mar", e inimigos na imprensa e na Constituinte, é que s. exa. faça voar pelos ares o castelo em que se sitiou, a fim de não cair prisioneiro de seus fantasmas.